

**LIVRO DE ARTISTA VERVE:
UMA AÇÃO METODOLÓGICA ENTRE ARTE E DESIGN**

**VERVE ARTIST BOOK:
A METHODOLOGICAL ACTION BETWEEN ART AND DESIGN**

Nilda Silva de Oliveira / UFBA

RESUMO

Este artigo analisa o percurso metodológico do livro de artista intitulado *VERVE*, resultado de um processo de criação em e sobre arte, vivenciado na disciplina Documento e Percurso, visando identificar possíveis contribuições sob a ótica do *design* em suas inter-relações com a arte, para propiciar uma compreensão do livro de artista como um produto híbrido, ou seja, fruto de processos artísticos e de fundamentos do *design* revelados na linguagem visual adotada. Tem-se como referência Silveira, Plaza, Lupton, Phillips, Rey, Salles e Brown.

PALAVRAS-CHAVE: Metodologia; livro de artista; arte; *design*.

ABSTRACT

This article examines the methodological path of the artist book titled VERVE, the result of a process of creation in and about art, experienced in the discipline document and Route, aiming to identify possible contributions from the perspective of design, in its interrelationships with art, to provide an understanding of the artist's book as a hybrid product, i.e. the result of artistic processes and design fundamentals revealed in adopted visual language. Has reference Paulo Silveira, Julio Plaza, Ellen Lupton, Jennifer Cole Phillips, Sandra Rey, Cecilia Salles and Tim Brown.

KEYWORDS: Methodology; book of artist; art; *design*.

É evidente o reconhecimento da inserção do livro de artista no meio acadêmico e o interesse de pesquisadores, professores e estudantes por essa temática. Percebe-se que as investigações avançam tanto no âmbito de pesquisa em processos de criação como sobre a sua história, o que traz muitas contribuições para a reflexão sobre percurso e construção do conceito, bem como identificação de artistas e suas obras. No entanto, existe um hiato quando se trata da questão metodológica, como afirma Silveira (2010), referindo-se ao livro de artista: “[...] o acesso metodologicamente constituído a esse conhecimento acrescentaria um maior fortalecimento dos instrumentos para o ensino de conceitos e procedimentos artísticos na universidade” (SILVEIRA, 2010, p. 765).

O autor reconhece a consequência desse hiato referente à questão metodológica, tal situação enfraquece as relações acadêmicas e institucionais, como as ações de pesquisadores, professores e estudantes, por haver um alinhamento natural entre conceito, processo metodológico e material na definição de um objeto artístico, sendo importante também contextualizá-lo no cenário de ensino-aprendizagem.

Silveira (2010) diz acreditar ainda que:

[...] as dimensões históricas e artísticas da presença do livro de artista na arte contemporânea e suas relações crescentes com os sistemas de ensino superior **não** são plenamente conhecidas. (SILVEIRA, 2010, p. 765, grifo nosso).

Nessas duas colocações o autor evidencia a necessidade de ampliar os referenciais sobre processos metodológicos envolvidos no livro de artista, a fim de torná-lo plenamente conhecido no ensino superior. Ressalto que esse tema é pauta em alguns livros de arte adotados na rede pública do ensino fundamental¹.

Diante dessas considerações vislumbro a possibilidade de agregar minha contribuição com o relato do processo metodológico desenvolvido na disciplina *Documento e Percurso: registro e reflexões em processo criativos*², ministrada pela professora Viga Gordilho, cujo ponto áureo foi a produção de um livro de artista em 2017. Tomarei como referência o livro intitulado *VERVE*, produzido por mim.

Entretanto, não será um relato operacional, o processo metodológico indicado por Viga Gordilho se entrelaça ao processo desenvolvido por mim como estudante da

OLIVEIRA, Nilda Silva de. Livro de artista verve: uma ação metodológica entre arte e design, In Anais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 27º, 2018, São Paulo. Anais do 27º Encontro da Anpap. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p.640-653.

disciplina *Documento e Percurso* e doutoranda da linha de pesquisa *Arte e Design: Processos, Teoria e História*, sob a orientação da Professora Dr.^a Ana Beatriz Simon Factum³. Desse modo, coloco-me na situação de ser sujeito/objeto do estudo processo metodológico, a fim de, identificar a inter-relação entre arte e *design*. Como foi colocado, o entendimento livro de artista como um objeto híbrido, resultante de processos artísticos e de fundamentos e métodos do *design*, condição ratificada pela colocação de Julio Plaza (1982, s/p) “O ‘livro de artista’ é criado como um objeto de design [...]”.

O processo metodológico adotado na disciplina constou de referencial teórico, processos didáticos com estudo em dupla, seminários temáticos, visitas a exposições, resenha crítica, escrito de artista, texto de artista, culminando na produção e exposição do livro de artista. Enfim, todos estes processos permitiram confrontar abordagens, fundamentos e métodos entre arte e *design*, a fim de alinhar pontos convergentes na produção do livro *VERVE*, uma contribuição específica para o estudo no campo da arte sobre esse objeto artístico.

O livro de artista é formado por camadas plurais – de fatos, conceitos, tempo, espaço e percepção - uma engrenagem complexa. Recentemente, a coordenação do evento *(Des)limites*⁴ realizado em 2017, solicitou aos palestrantes um conceito para o livro de artista ao final de cada apresentação. Contudo, não houve consenso. Como participante do evento Viga Gordilho apresentou sua definição:

A primeira tônica do livro de artista é que contenha uma narrativa poética, o que o diferencia. Ele pode ter um processo individualizado, no sentido de o artista usar toda a possibilidade da matéria. E ainda ter a característica de ser um objeto único.

A professora, ainda no evento, destacou a importância da narrativa sequencial e aprofundou o fato de a obra ser única e a importância de usar toda potencialidade que a matéria oferece. A obra deve conjugar matéria, memória e conceito, uma tríade considerada muito rara e importante para o processo da obra expressar sua potência. Ressaltou também a intensidade e o potencial do processo não ser concluído, o que torna a obra inacabada. Segundo Salles (2002, p. 8), “trata-se de uma criação artística em uma abordagem processual, indo além dos limites desse objeto específico”, continuando a autora afirma:

[...] importante para se discutir a arte em geral e aquela produzida nas últimas décadas, de modo especial, necessitam de um olhar que seja capaz de abarcar o movimento, dado que leituras de objetos estáticos não se mostram satisfatórias ou eficientes (SALLES, 2002, p. 9).

Diante dessa exposição, amplio as abordagens sobre o livro de artista com Julio Plaza, no artigo “O Livro como forma de arte”, como dito anteriormente ele apresenta arte e design entrelaçados:

O “livro de artista” é criado como um objeto de design, visto que o autor se preocupa tanto com o “conteúdo” quanto com a forma e faz desta uma forma-significante. Enquanto o autor de texto tem uma atitude passiva em relação ao livro, o artista de livros tem uma atitude ativa, já que ele é responsável pelo processo total de produção porque não cria dicotomia “continente-conteúdo”, “significante-significado”. Essa atitude se refere principalmente aos livros analógico-sintático-ideográficos, enquanto que os livros de arte conceitual, documentária, seguem o modelo da língua verbal, adquirindo um caráter analítico-discursivo (PLAZA, 1982, s/p).

Ainda segundo Plaza (1982), a produção do livro como trabalho artístico envolve aspectos voltados para as relações entre o livro e seu sistema de produção industrial e das artes entre si (envolvendo a literatura com as demais linguagens, e as técnicas reprodutoras das linguagens artístico-visuais). Outra observação está na relação entre livros objetos de linguagem como também matrizes de sensibilidade, ressaltando a condição do fazer-construir-processar-transformar e criar livros dialogados com outros códigos, como o apelo para a leitura sinestésica com o leitor (os livros podem ser cheirados, tocados, vistos, jogados e também destruídos).

Nessa trajetória é mensurável o papel do *designer* na concepção do livro de artista, independente deste ser um suporte artístico artesanal, editorial ou virtual, ter uma reprodutibilidade limitada ou ilimitada. Características balizadas pelo projeto gráfico, ancoradas nos próprios fundamentos e métodos do *design*.

Com essa compreensão passo a relatar o processo de construção do livro *VERVE*, dentro da abordagem metodológica proposta por Viga Gordilho.

O fato de ser professora por formação me impulsiona a recolher e a colecionar sempre novas possibilidades e arranjos metodológicos. Isso me fez ter um olhar especial para a metodologia orquestrada com maestria por Viga Gordilho. E, ao apresentar o percurso no evento *Des(limites)* (2017), como ela mesma afirma “o

primeiro movimento foi a letra, e as palavras surgiram como companheiras do pensamento visual”.

Na minha percepção, era o início do percurso teórico-prático e prático-teórico, uma semiose impossível de separar. O sorteio de uma letra deu início ao processo de sensibilização e expansão de ideias associadas, para desenvolvimento das atividades práticas, teóricas e teórico-práticas, numa ação espiral, infinita. A proposta do processo artístico, por sugestão da docente, direcionava uma relação direta com a pesquisa de cada discente.

No sorteio, tirei a *letra V* e, ao consultar um dicionário analógico para identificar uma palavra, desenvolvi o percurso representado na Figura 1. À esquerda, encontra-se a coluna denominada Raízes “V”. Trata-se da seleção entre três palavras: VERACIDADE, VONTADE e VIRTUDE. A Opção foi “virtude”, por estar associada à pesquisa que aborda valores humanos. No desenvolvimento do percurso de busca, há de se considerar que palavras análogas são mais do que sinônimos. Na assimilação dos significados, identifiquei-me com a palavra VISÃO, a qual me levou a IDEIA e a IMAGINAÇÃO. Nesse desdobramento, apareceu a palavra VERVE, que foi eleita como a menos comum. Houve novo desdobramento, e encontrei as palavras HABILIDADE, INSPIRAÇÃO, CRIATIVIDADE e VITALIDADE. O diagrama representado na Figura 1 expressa e descreve esse percurso passo a passo, ao tempo em que desloca para outras etapas do processo de criação e materialização.

Busquei, no dicionário analógico digital (<http://www.aulete.com.br/analogico>), o conceito da palavra VERVE, encontrando:

1. Habilidade de falar ou escrever de forma criativa, inteligente, espirituosa etc.;
2. Inspiração, criatividade, vitalidade: "O bom Deus fê-lo num dia de grande verve, depois quebrou a forma..." (Eça de Queirós, *Os Maias*)

Com muita *verve*, escolhi a palavra *visão*, tornando-se tema da obra e elo com a pesquisa.

Nesse estágio do processo, usei ferramentas do *design* para sustentar, registrar pensamentos e reflexões, com a construção do diagrama, correspondente a Figura 1. Segundo Lupton (2015):

Um diagrama é a representação gráfica de uma estrutura, situação ou processo. Os diagramas podem descrever [...] um fluxo de ideias. Eles nos permitem enxergar relações que não viriam à tona numa lista convencional de números, nem numa descrição verbal [...] A linguagem dos diagramas produziu um repertório rico e evocativo dentro do *design* contemporâneo (LUPTON, 2015, p. 215).

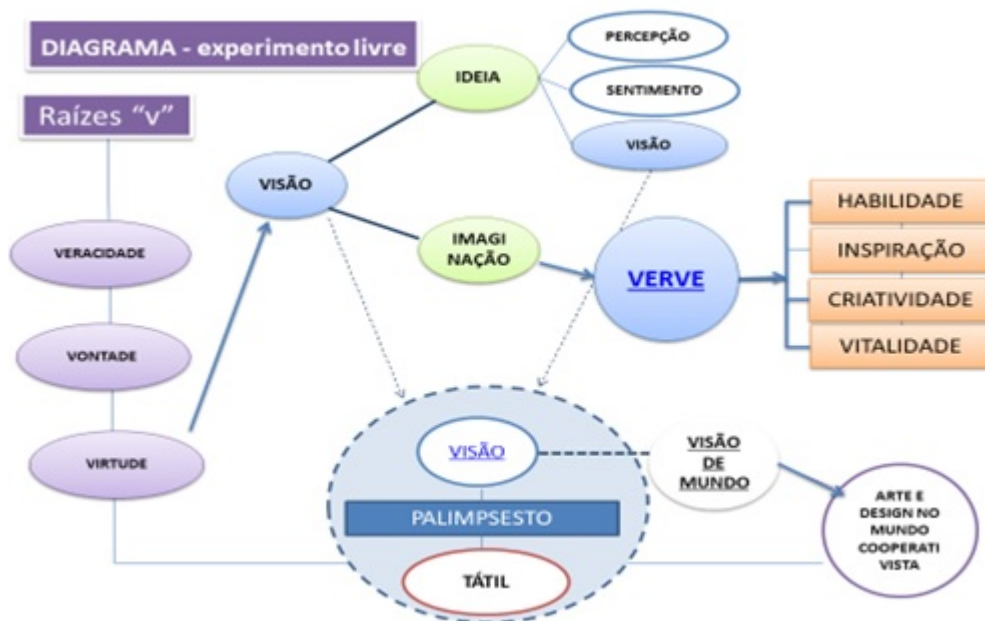


Figura 1 – Diagrama da Palavra em Percurso
 Fonte: autora, 2017

Tem-se então, um novo elemento associado a esse percurso, o **palimpsesto** – papiro ou pergaminho cujo texto primitivo foi raspado, para dar lugar a outro. Trata-se de um apagamento que deixa vestígios, e reaparece com outra possibilidade de imagem ou escrita, como era o caso dos papiros usados na antiguidade para escrita, nos quais era apagado algo escrito, mas ficavam marcas, sinais de uma existência anterior. No caso em estudo, o palimpsesto aplicado à obra está representado mais adiante, na Figura 5.

Pois bem, na busca de materializar a *visão* em uma obra artística visual, apliquei a lógica do palimpsesto. Nesse contexto, a *visão* foi apagada. Ora se a *visão* foi apagada e passa a ser ausente, o que se tem, então? A cegueira. Diante da constatação, instaurou-se o problema de encontrar um índice que representasse essa condição humana, no caso, a de ser cego.

Para a criação da obra surgiu a ideia das vendas com a proposta de não usar as disponíveis no mercado. A solução dependia de um processo autoral oriundo da pesquisa de formas. Adotei uma das ferramentas do *design*, a tempestade de formas (*formstorming*), que “é um ato de pensamento visual: uma ferramenta para os designers desbloquearem e aprofundarem soluções” (PHILLIPS, 2015, p. 13). A partir de “vendas para os olhos”, usei outra ferramenta do *design*, a “prototipagem”, para materializar a ideia. Segundo Brow (2010), essa ferramenta permite “pensar com as mãos”. Ele assim a caracteriza:

Apesar de parecer que desperdiçar tempo valioso em esboços, modelos e simulação atrasará o trabalho, a prototipagem gera resultados com mais rapidez. [...] experimentos iniciais costumam ser a melhor forma de decidir entre vários direcionamentos possíveis. Quanto mais rapidamente tornamos nossas ideias tangíveis, mas cedo poderemos avaliá-las, lapidá-las e identificar a melhor solução (BROW, 2010, p. 85).

A Figura 2 apresenta o processo de inspiração com uso da prototipação com emprego dos recursos de montagem, fotografia e desenho. O estudo das formas, (*formstorming*) está representado na Figura 3 e, dentre as opções obtidas, a forma da direita foi a selecionada para o desenvolvimento do processo artístico.



Figura 2 – Processo de inspiração
Fonte: autora, 2017



Figura 3 – Estudo das formas
Fonte: autora, 2017

A obra artística foi obtida por meio da “ferramenta de imagem” do *Windows* e está representada na Figura 4, este resultado foi compartilhado com os colegas na sala de aula, proporcionou expansão da percepção, exercício da fala, escuta e silêncio. Contribuindo para aprimoramento do trabalho em seu percurso.



Figura 4 – Resultado da obra
Fonte: autora, 2017

O palimpsesto procedimento aplicado ao resultado da obra como apagamento da imagem está representado na Figura 5. Segundo Viga Gordilho (2017), trata-se do conjunto de ações que conduzem ao processo criativo de transmutação, uma metamorfose que levará a outro estágio, no caso ao livro de artista, última etapa desse processo.

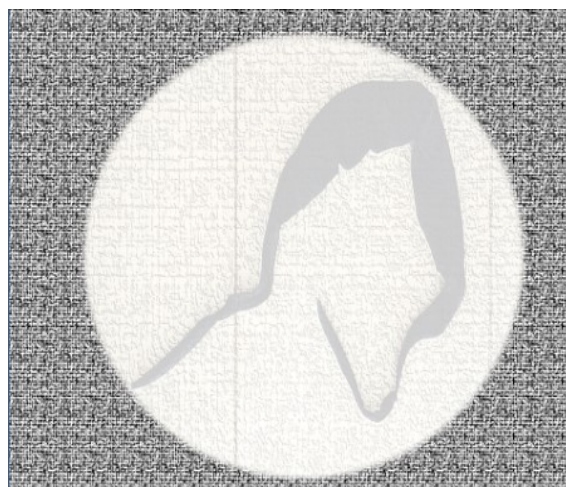


Figura 5 – Palimpsesto
Fonte: autora, 2017

Vale ressaltar que a obra está em processo, aberta a diferentes estímulos relacionais, “o artista tudo olha, recolhe o que possa ser interessante, acolhe e rejeita, faz montagens, organiza, ideias se associam, formas alternativas proliferam e pesquisas integram a obra em construção” (SALLES, 2008, p.34).

E, como fechamento, foi solicitado o *escrito de artista*, uma atividade ancorada nos registros e nas reflexões sobre a própria obra desenvolvida, permitindo conexões com outras obras. Assim, foi elaborado o *escrito de artista* com o título: *Descortinando o mundo com os olhos*. Ao começar o texto, lembrei do livro e do filme *Ensaio sobre a Cegueira*. Fiz as associações e comparei os processos de motivações. Esses processos foram descritos de forma poética:

[...] Neste sentido, ao fazer as próprias conexões com a memória conectei as ideias de “Ensaio sobre a Cegueira” de José Saramago. Enquanto a ideia dele nasceu de uma pergunta, a minha germinou de uma “letra” [...]

No percurso a professora Viga Gordilho conseguiu imprimir a cada quatro horas de aula uma dinâmica que passou a ser a tônica dos encontros devido a diversificação de atividades como, apresentação da obra e do palimpsesto, do escrito de artista e da leitura comentada reforçando a base teórica da pesquisa. Nesse sentido, Rey (2002), no capítulo “Por uma abordagem metodológica”, do livro *O meio como ponto zero*, faz a seguinte colocação:

A superfície e a profundidade, consciência e inconsciência, estabelecem, durante a pesquisa um processo dialético, efetuando trocas na elaboração de procedimentos, na pesquisa com materiais, na execução de técnicas, na reflexão e na produção textual (REY, 2002. p. 127).

A atividade *leitura expandida*, desenvolvida por dupla de alunos, teve como referência o livro *Redes da criação: construção da obra de arte*, de Cecília Sales, o que possibilitou a turma fazer excelentes conexões, ampliando os referências teóricas. Paralelamente a esta atividade, duas outras foram encaminhadas: a elaboração do *livro de artista* e o *texto de artista*. Houve orientação individual para todos os discentes, além de duas visitas uma a exposição de livros de artista, patrocinada pela Secretaria de Cultura do Estado, outra ao Instituto SACATAR⁵

(residência de artista) e ida ao cinema UFBA, para assistir ao filme “Colcha de Retalho”.

Para a produção do *livro de artista* as ideias foram aprimoradas nas orientações, discutiu-se sobre a inserção de texturas, definição do formato e manuseio, dentro de um processo lógico e sequencial, a fim de garantir plena interação do leitor com a obra. Neste momento, iniciou-se o processo arte e *design* imbricados para resolver a proposta do *livro de artista Verve*, que nascia com a característica de ser um livro sinestésico, entre ser tátil e sonoro.

A medida que a ideia era depurada, começavam a aparecer novas conexões, entre dúvidas e questionamentos de toda ordem, até operacionais. Se o livro tinha como objetivo a acessibilidade, teria de ter um texto em braile e disponibilizar vendas. O objetivo era se colocar no lugar do outro, o que significa empatia, tema abordado no *design thinking*, e este segundo Brown (2010, p. 213), é considerado como o *design* que visa promover o bem-estar geral da humanidade. Neste sentido, ele está inserido no aporte teórico que venho construindo para a pesquisa.

Na disciplina *Percurso e Documento*, a trajetória desenvolvida apresentou um universo desconhecido, voltado para a inclusão de pessoas com deficiência visual total ou parcial, de nascença ou adquirida. A busca por informações para transcrever o *texto de artista* em braile levou-me a buscar ajuda no Núcleo de Apoio à Inclusão do Aluno com Necessidades Educacionais Especiais (NAPE) da Universidade Federal da Bahia, criado para implementar ações de políticas de acessibilidade à educação superior de pessoas com necessidades especiais, dando assistência a comunidade universitária.

Para a concepção do livro usei uma sobrecapa em papel vegetal com o título e autoria em braile. A capa é uma composição com fundo de cortiça, possui um envelope em papel artesanal impresso o título e a autoria. Na capa do fundo este envelope acomoda as etiquetas (*tags*) com papel *color – especial 120*, na cor vermelha, onde foram escritas palavras com caneta ou lápis na cor prata. Ainda na capa existe um círculo de algodão branco, contornado por pedrinhas brilhantes. É a representação da ‘mina’ do olho, com a lesão da cegueira branca, referenciando a citada por Saramago. As páginas foram alceadas por argola articuladas, de fácil

manuseio. A forma foi inspirada no caderno de anotações, há cinco folhas em branco, ou seja, sem escrita, representando o vazio, o silêncio, e provocando uma pausa.

A Figura 6 apresenta o livro *VERVE*, e a Figura 7 apresenta a capa sem a sobrecapa, o texto de artista, que descreve o processo convidando para folhear o livro, bem como, a penúltima página apresenta a textura de renda bordada e papel ondulado, gerando contraste e sugestão de movimento.



Figura 6 – O livro *VERVE*
Fonte: autora, 2017

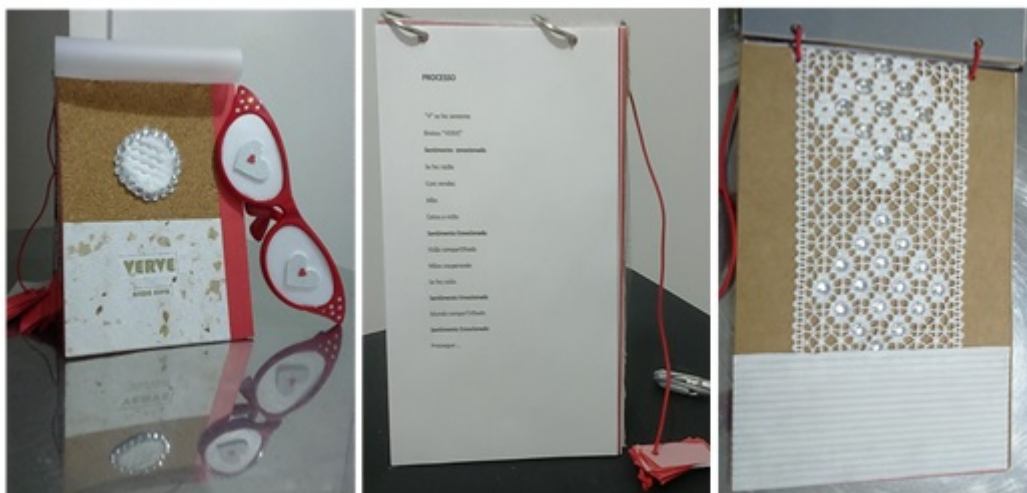


Figura 7 – Detalhes do livro *VERVE*
Fonte: autora, 2017

Teve-se então o momento dedicado ao leitor - interpretante. A ele coube, diante da obra, interagir com todas as possibilidades sinestésicas, desde o toque sentido pelo tato ao som produzido. O uso das vendas permitiu ampliar por meio do toque outras sensibilidades. Após seu percurso entre páginas folheadas e sons diferenciados, lembranças guardadas na memória se fizeram presentes, a página em branco coube o respiro, a pausa para seguir em frente. Acredito ser a mesma sensação de olhar um quadro e encontrar uma área em branco para descansar a vista e prosseguir no diálogo interpretativo da obra.

A relação do leitor cego com o livro foi similar ao leitor que usou as vendas desde o início do processo de leitura, alguns iam descrevendo em voz alta todas as sensações, outros preferiram comentar o toque de algumas páginas e houve aqueles que só ao final descreveram as emoções sentidas.

Na última folha do livro *VERVE*, consta o texto de artista que finaliza o livro e pede ao leitor que sintetize em uma palavra escrita na etiqueta, a emoção sentida no percurso. Cegos com cegueira adquirida escreveram também suas palavras síntese. As palavras registradas foram de uso livre dos leitores: memória, sinestesia, infância, raiz, imersão, imaginável, vínculo, sentimento, levetude, saudade, reflexão, lindo visual até de olhos fechados, continuidade, orgulho, expressão, lembrança, memória, sensações, resgate, alegria compartilhada, gratidão e liberdade.

Imagino que as associações do toque da página do livro e o som emitido por elas, trouxessem lembranças movidas por reencontro de sentimentos, pois as emoções foram traduzidas por sorrisos, lágrimas, alegria e tristeza também. Para os que agora leram as palavras talvez sejam sem nexos, sem sentido, mas, para quem escreveu, elas continuarão guardadas, acomodadas em sua própria essência, como uma chave guardiã da emoção.

As atividades culminaram com a exposição do café poético, sob a curadoria de Viga Gordilho. Participaram da exposição os alunos da disciplina *Documento e Percurso*, membro do Grupo de Pesquisa MaMeTo⁶ e artistas convidados. A montagem contou com a colaboração dos alunos, da direção e de funcionários. A Figura 8 revela a interação do público-leitor com o livro.



Figura 8 – O leitor e a obra livro de artista VERVE
 Fonte: autora, 2017

Ao finalizar esse relato, deixo o depoimento de meu encontro com a forma de expressão artística *livro de artista*, marcado por descobertas pessoais e reflexões desde a concepção até a conclusão, o que exigiu aprofundamento teórico sobre os pensadores citados, bem como conhecimento da obra de artistas atuantes.

A metodologia adotada, os referenciais teóricos indicados, as visitas técnicas, o contato com acervos, enfim, todas as ações levaram a um descortinar para uma abordagem até então desconhecida, o que reforça a citação de Silveira e que parafraseio para finalizar: “o livro de artista ainda **não** é plenamente conhecido”.

Como resultado, o artigo apresenta a constatação que o livro de artista, a exemplo do livro *VERVE*, efetivamente dialoga com os princípios artísticos e fundamentos do *design*, desde a concepção considerando assim, como um objeto de arte e design. Desta forma, a discussão continua aberta para novas confrontações a fim de constituir outras discussões de abordagens metodológicas aplicáveis ao processo de criação em / sobre a arte contextualizada na contemporaneidade do pensamento humano.

Notas

¹ UTUARI, Solange; KATER, Carlos; FERRARI, Bruno e FISCHER, Pascoal. **Por toda parte**, 9º ano. ed. São Paulo: FTD, 2015.

IAVELBERG, Rosa SAPIENZA, Tarcísio Tatit, ARSLAN, Luciana Mourão. Projeto Presente Arte. 4º e 5º anos. Ensino Fundamental – Anos Iniciais. Volume único. São Paulo: Moderna 2014.

² Disciplina *Documento e Percurso: registro e reflexões do processo criativo*, cursada em 2017, vinculada ao Programa de Pós Graduação em Artes Visuais (PPGAV) da Escola de Belas Artes (EBA), Universidade Federal da Bahia (UFBA), ministrada por Maria Virginia Gordilho Martins, conhecida e reconhecida como Viga Gordilho, artista visual e professora da EBA/UFBA.

³ Professora Drª Ana Beatriz Simon Factum Doutora em Arquitetura e Urbanismo - Universidade de São Paulo – USP Pós-doutorado em Desenho, Cultura e Interatividade PPGDCI – UEFS Professora/pesquisadora - Universidade do Estado da Bahia – UNEB e Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais – UFBA CVLattes: <http://lattes.cnpq.br/5653748892353101>

⁴ (DES)LIMITE. Exposição. Casa Contemporânea de São Paulo. 2017
<https://www.youtube.com/watch?v=rQcH4RbsBFU>

⁵ O INSTITUTO SACATAR dirige um programa internacional de residência para artistas na sua sede na Ilha de Itaparica, que fica na Baía de Todos os Santos na região metropolitana de Salvador, Bahia, Brasil.

⁶ Grupo de pesquisa MAMETO CNPq, MATéria, MEMória e conceiTO em poéticas contemporâneas. EBA- Escola de Belas Artes - UFBA- Universidade Federal da Bahia. Liderado pela Profª Drª Maria Virginia Gordilho Martins (VigaGordilho) (coordenadora do Eixo de Arte – BTS)

Referências

BROWN, Tim. *Design Thinking*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

LUPTON, Ellen, PHILLIPS, Jennifer. *Novos Fundamentos de Design*. 2ed. São Paulo: COSAC, 2015.

PLAZA, Julio. O livro como forma de arte (I). *Arte em São Paulo*. São Paulo, n. 6, abr. 1982. [sem paginação].

SALLES, Cecília Almeida. *Redes da criação: construção da obra de arte*. São Paulo: Editora Horizonte, 2008.

SILVEIRA, Paulo. *Meio Acadêmico e livro de artista: primeiros apontamentos*. 19º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas “Entre Territórios” – Cachoeira – Bahia – Brasil, 2010.

REY, Sandra. *Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais*. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (Org.). *O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002 (Coleção Visualidade).

Site consultado:

<http://www.aulete.com.br/analogico>

Nilda Silva de Oliveira

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia. Licenciada em Desenho e Artes Plásticas pela EBA/UFBA. Professora da Universidade do Estado da Bahia, UNEB.